

Arquivos Marginais: outras fontes, outros acervos

Viviane Trindade Borges¹

Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC

RESUMO: O presente artigo pretende problematizar o percurso percorrido pelo projeto de extensão Arquivos Marginais, o qual envolve um trabalho de extensão e pesquisa. O projeto atua na através de iniciativas ligadas a salvaguarda e pesquisa nos acervos de duas instituições de controle social: o Hospital Colônia Sant'Ana e a Penitenciária de Florianópolis. Tratarei primeiramente do percurso percorrido até o momento, pensando nos embates que se entrelaçam à entrada dos historiadores nesses espaços, e num segundo momento adentraremos brevemente nas possíveis histórias contadas por esses arquivos.

Percorrendo labirintos

Os documentos aqui mencionados guardam narrativas de e sobre sujeitos marginais. São dossiês que documentam a vida institucional de homens infames. Amontoam-se nos arquivos que as instituições de isolamento insistem chamar de arquivo morto, para desespero dos arquivistas e de alguns historiadores. Em outros casos ainda, tornam-se entraves na luta por mais espaço físico frente a superlotação humana. São muitas vezes considerados simplesmente papel velho que extropola o espaço do arquivo morto, cujo destino são as salas em desuso, os lugares insalubres e os depósitos. São arquivos que tratam daqueles que estão à margem da sociedade e que também estão à margem dentro das instituições que os produziram, são portanto arquivos marginais.

Entre a miríade de documentos produzidos no interior das instituições de controle, voltados para a identificação e controle dos fluxos de objetos e pessoas que ali entram e saem, ou para o conhecimento e controle dos sujeitos confinados, o projeto de extensão Arquivos Marginais volta-se para os prontuários, entendidos como conjuntos de documentos organizados para a identificação e reunião de

¹ Graduada em História pela Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências Letras (2003). Mestre (2006) e Doutora em História (2010) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História (linha de pesquisa Linguagens e Identificações) da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC.

informações sobre a história dos indivíduos, no interior da instituição e antes dela.

Os prontuários de internos das instituições de isolamento não se constituem fonte de fácil utilização para o pesquisador, apresentando uma série de desafios por vezes intransponíveis. Um deles diz respeito aos obstáculos formais que são impostos ao acesso à documentação, uma vez que são considerados pela legislação e frequentemente pelos responsáveis pelas instituições como sigilosos. A necessidade de preenchimento de Termos de Compromisso e de aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética são alguns exemplos das exigências no trato com essas fontes sensíveis. Soma-se a isso o entendimento de algumas direções de que o acesso a esses documentos poderia também evidenciar práticas institucionais cotidianas a olhares externos, abrindo o caminho para críticas, o que também estimularia restrições de acesso.

A entrada dos historiadores nesses espaços é sempre uma negociação constante. Fernando Salla (2013, p. 13), referindo-se a pesquisa nas prisões descreve bem os caminhos sinuosos que também podem servir de metáfora para a pesquisas em instituições de isolamento de forma geral:

A experiência de fazer pesquisa na prisão e a mesma de percorrer dois labirintos. Primeiro, colocam-se os caminhos tortos, sinuosos, com idas e vindas, com autorizações e negações, negociações e astúcias, para que se possa entrar nas prisões. Segundo, a esses percursos confusos e sempre pontilhados de desconfiança que orienta os que governam as prisões, estão os desafios do labirinto real, dos labirintos arquitetônicos, nos quais um pesquisador em geral nunca pode ser mover sozinho, com autonomia de decisão.

A localização mesma dessa documentação nem sempre é fácil, sobretudo em se tratando de pesquisas que busquem internos que passaram pela instituição, que já morreram, enfim, que foram parar no chamado “arquivo morto”, local destinado aos documentos considerados antigos e já sem importância para o uso corrente. Predomina, em geral um pouco cuidado com a preservação de documentação genericamente identificada como “antiga”, não se reconhecendo a necessidade de sua preservação ou então de sua remoção para instituições especializadas, como por exemplo os arquivos públicos.

Muitas vezes, quando se faz a localização dos prontuários para uma pesquisa não significa que sejam encontrados em arquivos organizados, estando apenas amontoados em lugares inadequados sem qualquer elemento que ajude a sua

incorporação na pesquisa ². Quando existe algum tipo de organização, ela geralmente atende apenas ao cotidiano funcional da instituição, não prevendo a pesquisa.³

Considerando essas dificuldades e percorrendo esses labirintos, em 2011, o trabalho realizado pelo Laboratório de Patrimônio Cultural da UDESC (LabPac), através do Programa de extensão Arquivos Marginais, em parceria com o IPq/SC, inaugurou em 2011 o CEDOPE/HCS, um espaço que abriga o acervo documental (composto fundamentalmente por prontuários de pacientes – entre 1940 e a década de 90), além de livros de registro de entrada, fotografias e objetos, como eletrochoque e outros equipamentos e materiais médicos.

Parte do acervo tinha sido “resgatada” por uma enfermeira, doutora em historia da enfermagem, que coordena o CEDOPE, Eliani Costa. Mas muita coisa estava depositada em um ala que estava para ser desativada, em meio a poeira, aranhas e baratas.



Início do trabalho de organização da documentação do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina – Ipq.
Foto : acervo CEDOPE-IPq

² Para uma reflexão sobre o uso em geral de documentos na pesquisa ver, por exemplo, May (2004), Cellard (2008), Israël (2015), BORGES (2013a).

³ Nesses espaços é frequente a organização onomástica ou por ordem de entrada na instituição, tornando possível pesquisar somente através do nome completo dos sujeitos envolvidos.



Prontuários do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina – Ipq em dois momentos, antes e depois do início do projeto. Foto: acervo CEDOPE-IPq

O trabalho com o acervo da Penitenciária teve início em 2012, quando os alunos da disciplina de Patrimônio Cultural realizaram uma exposição no Memorial da Penitenciária de Florianópolis (“O tempo abre as portas a quem sabe esperar”) – espaço que funciona no prédio administrativo do complexo, criado por iniciativa da direção em 2010.

O contato semanal com a instituição permitiu que conhecêssemos melhor o complexo e seus labirintos, e em conversa com alguns funcionários fomos apresentados aos prontuários dos detentos. Muitos empilhados dentro de sacos pretos. Retiramos alguns aleatoriamente para satisfazer nossa curiosidade: era de 1934, páginas amareladas, muitos ofícios, vários registros, fotografias, enfim, comoção geral da historiadora e seus alunos.



Início do trabalho de organização da documentação da Penitenciária de Florianópolis.
Foto: acervo do Projeto Arquivos Marginais.

Novamente: poeira, aranhas, baratas e agora ratos, os prontuários estavam depositados também em uma sala em desuso dentro do Complexo, chamada de depósito, para nós de difícil acesso dentro do labirinto institucional onde não é permitido se mover sozinho, tampouco com um grupo de alunos. Nestes espaços transitamos sempre por percursos confusos e sempre pontilhados de desconfiança, novas idas e vindas, com autorizações, negações e negociações para se conseguir o acesso aos documentos. Novamente jalecos, mascaras, luvas, proteção para os pesquisadores na tentativa de salvar documentos em perigo.

Em meio ao trabalho de salvamento a pergunta: onde colocar esse arquivo? Angústia em tentar convencer e fazer valer o princípio da proveniência, deixar tudo na instituição de origem. Mas na velha Penitenciária falta espaço físico adequado. Complexo construído da década de 1930, sem reformas desde a década de 1970, aguarda a transferência não se sabe quando para não se sabe onde. Então o

Arquivo Público do Estado? Também não havia espaço. Depois de muitas idas e vindas, com autorizações e negações, negociações e astúcias, em 2013 os prontuários de presos da Penitenciária entre 1930 e 1970 foram cedidos ao Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas/UDESC (IDCH/UDESC) para serem salvaguardados.



Trabalho de organização da documentação da Penitenciária de Florianópolis no IDCH. Foto : acervo do Projeto Arquivos Marginais.

Falo aqui de duas instituições de SC, mas situações como as que descrevi são frequentes em outros estados. Pesquisadores interessados em tratar da história das instituições de isolamento e seus personagens, que desejem pesquisar arquivos marginais, são frequentemente surpreendidos pela ausência de organização desses acervos, que,

quando sobrevivem ao tempo e as intempéries a que foram sujeitos ao longo dos anos, estão desorganizados, ou ainda, possuem uma organização que atende apenas ao cotidiano funcional da instituição.

No HCS os prontuários seguiam um índice onomástico. Estavam sob a guarda do SAME (Serviço de Atendimento Médico e Estatística). Depositados em estantes, formavam ondas de documentos cobertos por teias de aranha. Logo que iniciamos o projeto, para nossa surpresa, os prontuários foram digitalizados através de um projeto da Secretaria de Saúde que previa a digitalização dos prontuários de todas as instituições de saúde e seu armazenamento físico em um grande depósito, aos cuidados de uma empresa terceirizada. No HCS a direção optou por permanecer com os documentos físicos sob sua guarda, o que foi muito bom pois o programa que permite o acesso a digitalização nem sempre funciona. Ainda assim, o programa só permite o acesso através do nome do sujeito e somente pode ser acessado dentro da instituição e apenas por alguns funcionários autorizados. Ou seja, não é possível uma busca por ano, diagnóstico, sexo, idade, etc... enfim, não é possível pesquisar.

Na Penitenciária não havia nenhum tipo de organização. Recentemente, fui chamada na instituição, pois haviam encontrado um documento que poderia nos interessar. Era o livro de registro de presos, desde a inauguração em 1930. Ele prevê a organização em caixas conforme a entrada dos presos, ordem essa que perdeu-se no tempo. Nos prontuários é possível encontrar várias marcas que possivelmente indicam tentativas de organização do acervo, mas que ainda não conseguimos decifrar.

Em ambos os espaços a documentação se avolumava, um papelório que pedia organização para que a pesquisa dentro do labirinto institucional pudesse andar junto com a extensão.

Tratando-se de um único tipo documental, prontuários, nosso primeiro movimento foi separar a documentação em ordem cronológica para em seguida criar Planilhas. Estas Planilhas trazem informações como: ano de internação/prisão, número do prontuário, naturalidade, data de nascimento, instrução, profissão, residência, data de entrada – além do campo “observações”, onde colocamos outras informações mais específicas. Esses dados possibilitam a criação de verbetes, visando a criação de um catálogo analítico referente a cada acervo.

No caso do HCS, cerca de 3700 prontuários já foram inseridos na Planilha (toda a década de 40 e parte da década de 50), a qual possui alguns campos específicos como diagnóstico e o nome do internante.⁴

No caso da Penitenciária, foram inseridos até o momento 652 prontuários (década de 30 e parte da década de 40), e também informações como o crime a que o detento foi condenado (segundo o código penal da época) e o local onde este foi praticado. Também iniciamos o trabalho de digitalização dos prontuários da penitenciária, cerca de 450 já foram digitalizados.⁵

Papéis higienizados e organizados, domesticados, prontos para serem devorados. Quais as narrativas, quais as História contadas por esses arquivos? Tratarei brevemente das possibilidades de pesquisa envolvendo esses acervos.

Possibilidades de Pesquisa

Sob uma perspectiva foucaultiana, nossas preocupações partem do presente: reforma psiquiátrica, fim dos manicômios, superlotação em prisões, internamento compulsório, rebeliões, menores em situação de conflito com a lei, gestão da população – questões observadas em nossas fontes e que ainda reverberam no presente. Não pretendemos simplesmente interpretar arranjos sociais na tentativa de redescobri-los em épocas anteriores imbuídos dos mesmos significados. Também não pretendemos apenas usar um interesse contemporâneo para ativar questionamentos em direção ao passado. Sob a perspectiva foucaultiana, escrever a história do tempo presente significa partir de uma reflexão diagnóstica da situação atual (DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 132). Ou, como Foucault explicou a um entrevistador em 1984: “Eu parto de um problema expresso nos termos correntes de hoje e eu tento resolver sua genealogia. Genealogia significa que eu começo minha análise a partir de uma questão disposta no presente” (FOUCAULT, 1988, p. 262).

Esse diagnóstico do presente nos leva a problematizar as condições de possibilidade de criação de uma rede de instituições de isolamento no Brasil na década de 1940 e sua reverberação em Santa Catarina. Hospitais psiquiátricos e prisões, falei aqui de

⁴ No HCS possui 19.735 prontuários, entre as décadas de 1940 e 1990.

⁵ Refiro-me aqui aos 4.200 prontuários transferidos para o IDCH (1930-1979).

instituições distintas, mas que guardam muitos aspectos em comum. Foucault, se refere a elas como instituições de sequestro, as quais possuem 3 funções imbricadas: o controle do tempo, do corpo e da produção de um saber a respeito dos indivíduos submetidos ao olhar controlador. A análise da documentação institucional, me refiro aqui especialmente aos prontuários, permite potencializar essa perspectiva, vislumbrando a experiência destes sujeitos, percebendo nessa documentação um “duplo discurso” – metodologia descrita por Cristina Rivera Garza⁶ - ou seja, o discurso dos internos/sentenciados e o discurso daqueles que os queriam internados/presos.

E sob esta perspectiva que estamos pensando as fontes encontradas nestes espaços. Prontuários de pacientes e presos, registros que serviam para o controle, mas que permitem vislumbrar os homens infames. Vestígios bruto de vidas que não pediram para ser contadas dessa forma e que foram coagidas a isso porque um dia se confrontaram com as instituições de controle (FARGE, 2012, p. 13).

Foi a procura por estes sujeitos que motivou a incursão nesses dois espaços marginais. Alguns dos sujeitos internados passaram pela Penitenciária e pelo hospital psiquiátrico. Eles foram classificados como “tipos à parte”, considerados perigosos para serem internados no hospital psiquiátrico e frágeis para permanecerem na Penitenciária. O termo foi encontrado no prontuário de J.A., transferido da Penitenciária de Florianópolis para o Hospital Colônia Sant’Ana. Considerado não propriamente um “doente mental”, mas também “não podendo ser considerado são”, J.A. foi classificado como um “tipo à parte”.⁷

Os prontuários evidenciam comportamentos, normas internas, relações de convívio, de poder e sobretudo o cotidiano institucional. Esta tessitura é inseparável do espaço institucional, dos seus recursos disponíveis e de suas limitações impostas, era a partir dessa tessitura que estes atores sociais se orientaram e fizeram suas escolhas. Neles é possível encontrar pedidos de perdão, cartas e bilhetes que nunca foram enviados a seus destinatários, registros, muitos registros. O controle da vida institucional de doentes e

⁶ André Molina estudou o paciente Albert Nicolat Talocín, ladrão, julgado por vários crimes no início do século XX, o qual teria fingido ser cleptomaniaco e messias. O trabalho objetiva evidenciar que o referido personagem utilizou-se do saber psiquiátrico em seu proveito para escapar das acusações e conseguir a liberdade. A metodologia descrita como « duplo discurso » e inspirada no trabalho de Cristina Rivera Graza. “She neither respected nor obeyed anyone”: inmates and psychiatrist debate gender and class at the General Insane Asylum La Castañeda, Mexico, 1910-1930. *Hispanic American Historical Review*, Vol 81: 3-4, 2001, p. 653-688. Apud MOLINA (Op. cit., p.76).

⁷ Conforme o prontuário n. do interno J.A. no Hospital Colônia Sant’Ana: “[...] se faz evidente o desajustamento social. O paciente sendo portador dessa constituição não é propriamente um doente mental, também não podendo ser considerado como são. É um tipo à parte, que apresenta desarmonia constitucional de atributos psíquicos, principalmente relacionados à afetividade e à volição, com decorrente reflexo de caráter. Hospital Colônia Sant’Ana. Prontuário do paciente J.A. n. 4112 [1956].

detentos, documentando suas trajetórias institucionais, suas faltas, tratamentos e punições.

Questões vinculadas à preservação de acervos ligados a estas instituições, a criação de arquivos orais e realização de exposições (BORGES, 2013a, 2013b, 2014b, 2014c). As políticas públicas de controle social, a teia institucional, suas normas, comportamentos e resistências (BACCIN, 2014), (BORGES, 2013c, 2014a, 2014d), (CARMO, 2012), (SILVA, 2015), (OLIVEIRA, 2014), (VITORASSI, 2014). Os infames: homens, mulheres, menores, loucos (BORGES, 2016), (BORDIGNON, 2015), (VIANA, 2013, 2015), (CASSETTARI, 2014). Apenas alguns exemplos do leque de possibilidades que vem sendo desenvolvido pelo grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCIN, Lucas Coelho. **'Dos dias que são tantos que nem posso contá-los':** os primeiros anos da penitenciária da Pedra Grande – Florianópolis, 1930. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História), 2014.

BORGES, Viviane. “Atenção boa, sentimentos bons e emoções normais”: um olhar sobre os detentos avaliados pela Seção de Medicina e Criminologia da Penitenciária de Florianópolis (1935-1945). ANAIS Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT, 2014a.

_____. O tempo abre as portas a quem sabe esperar: usos do passado e embates do presente no percurso da exposição realizada na Penitenciária de Florianópolis (SC). **Esboços** (UFSC), v. 21, p. 236-250, 2014b.

_____. Nem loucos, nem são, 'tipos à parte': arquivos, crime e loucura em SC (1930-1970). **Revista Latino-Americana de História**, v. 3, p. 6-24, 2014d.

_____. Arquivos Marginais: Crime e Loucura em Santa Catarina (1930-1970). Natal: ANAIS do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013a.

_____. Narrativas sobre a história da loucura no tempo presente: o arquivo de fontes orais do Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant'Ana (CEDOPE/HCS)? **Revista Tempos Históricos**, v. 17, p. 123-140, 2013b.

_____. Um 'depósito de gente': as marcas do sofrimento e as transformações no antigo Hospital Colônia Sant'Ana e na Assistência Psiquiátrica em Santa Catarina (1970-1996). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (Impresso), v. 20, p. 1531-1549, 2013c.

BORGES, Viviane; SERRES, J. C. P. . História Oral e Tempo Presente: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS). **História Oral** (Rio de Janeiro), v. 17, p. 139-134, 2014c.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, Jean. **A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, p. 295-316, 2008.

CARMO, Catarina Lisboa do. **Vozes Veladas: um estudo sobre o agenciamento de diferentes discursos acerca da presença das irmãs da Divina Providencia no Hospital Colônia Sant'Ana**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em HISTÓRIA), 2012.

CASSETTARI, Fernanda Biava. **Os menores atrás dos grandes muros: Penitenciária da Pedra Grande (1931-1939)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História)– Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics**. Chicago: University of Chicago Press, 1982. [DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FARGE, Arlete. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FOUCAULT, Michel. The Concern for Truth. In: KRITZMAN, Lawrence D. (Ed.) **Politics, philosophy, culture: interviews and other writings 1977-1984**. Transl. Alan Sheridan et al. New York: Routledge, 1988a.

GRAZA, Cristina Rivera. "She neither respected nor obeyed anyone": inmates and psychiatrist debate gender and class at the General Insane Asylum La Castañeda, Mexico, 1910-1930. **Hispanic American Historical Review**, Vol 81: 3-4, 2001, p. 653-688.

ISRAËL, Liora (2015). O Uso dos Arquivos em Sociologia. IN.: PAUGAM, Serge (org.). **A Pesquisa Sociológica**. Petrópolis: Vozes, pp. 141-155.

LUIZ, Fernanda Bordignon. **Adolescência e atos infracionais: análise do discurso da mídia e a proposta de redução da maioridade penal**. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em História)– UDESC, 2015.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Ana Carolina Plentz de. **Entre a loucura e a lepra: unidade Ana Tereza, caminhos, sujeitos e espaços (Santa Catarina, 1987-1995)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História), 2014.

RIOS, Molina, Andrés. Un mesías, ladrón y parenoico en el Manicomio La Castañeda. A propósito de la importancia historiográfica de los locos. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, núm. 37, enero-junio, 2009, pp. 71-96 – 25p.

SALLA, Fernando (1999). **As Prisões em São Paulo (1822-1940)**. São Paulo: Annablume-Fapesp.

SILVA, Ana Terra de Leon da. **Um lugar para a loucura: a política de saúde mental durante o Estado Novo em Santa Catarina (1939-1942)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em HISTÓRIA)– UDESC, 2015.

VIANA, Bruna da Silveira. **Um lugar para os ditos anormais: assistência psiquiátrica a crianças e jovens na primeira década do Hospital Colônia Sant'Ana (1941-1951)**. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade do Estado de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2015.

_____. **Entre discursos e práticas:** menores e loucura no Hospital Colônia Sant'Ana (1942-1944). Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em HISTÓRIA)– Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientador: Viviane Trindade Borges, 2013.

VITORASSI, Silvia. **As grades e a cidade:** a penitenciária e a construção de espaços de poder em Florianópolis. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), 2014.